UM CASO DE ORIENTAÇÃO VITAL

N.B. — 19 anos — sexo feminino.

Por Esther França e Silva

1. *Motivo:*
Distúrbios de conduta: roubo.

2. *Fases do estudo do caso:*
O objeto de consideração é o indivíduo e o método legítimo de tomar conhecimento do mesmo.

As fases Típicas do caso individual abrangem:

a — busca de um melhor ajustamento individual;
b — a segunda etapa consiste no estudo histórico do caso. Partindo do problema apresentado pela mãe do Pr., planejamos o seguinte:

I — Entrevista com os pais:

i — primeiramente com a mãe;
ii — em segundo lugar com o pai;
iii — em terceiro lugar com o Pr.

II — Provas de personalidade:

i — Thematic Apperception Test;
ii — Rorschach;
iii — Koch;
iv — P.M.K.

III — Provas de inteligência:

i — DAT;
ii — Barcelona.

IV — Informação autobiográfica:

i — autobiografia dirigida;
ii — questionário íntimo.

V — Sumário e conclusões.

VI — Orientação.

I — *Entrevista com os pais:*

i — Entrevista com a mãe:

Como é da anamnese psicológica, entrevistamos a mãe em primeiro lugar, tendo o cuidado de fazê-lo longe do Pr. Segundo diz a mãe, N. B. cometeu delitos no Colégio onde estuda: tirou dinheiro de colegas e professôres.

a — *Início do delito:* em criança tirou dinheiro da mãe para comprar balas. Viu a mãe também tirar dinheiro da carteira do pai.

b — *Herança:* a família tanto do lado materno como do paterno é constituída de pessoas mental e socialmente sadias.

c — *Estado de saúde da mãe durante a gestação:* normal. Nada sentiu de extraordinário.

d — O *parto* foi normal, com apresentação de cabeça a têrmo, em casa de saúde.

e — *Alimentação e desmame:* sem nenhuma anormalidade, passando bem da alimentação líquida para a sólida. Não tomou leite materno.

f — *Normalidade* ou *anormalidade* do desenvolvimento por aspectos e momentos típicos. Convém sempre diagnosticar o nível de desenvolvimento geral do indivíduo, bem como o desenvolvimento especial. São de real valor as seguintes informações:

i — quanto à locomoção: andou aos 9 meses;

ii — quanto à linguagem: falou aos 12 meses. Esta informação é de grande importância para uma noção da transferência do prazer de sugar para o de vocalizar;

iii — quanto à idade fisiológica: a dentição começou aos 7 meses.

iv — *Sociabilidade*: a sociabilidade iniciou-se com a entrada do Pr. no colégio, aos 3 anos. Era muito introvertida e teve dificuldades iniciais de adaptação. As reações no grupo familiar foram sempre de afastamento da figura materna, de quem não recebia atenções, não era respeitada como deveria ser, nem genuìnamente amada. Com o pai e o irmão as relações eram de amizade e aproximação. Na escola, suas relações com colegas e professôres foram normais até a época do delito.

v — *Desenvolvimento emocional:* Que causas mais provàvelmente provocaram emoções e que manifestações com maior probabilidade se deram, são excelentes meios para julgar-se das fontes mais freqüentes de satisfação e frustração, sem aludir aos aspectos mesmos do desenvolvimento emocional.

Mêdo — N.B. é medrosa e insegura.

Cólera — teve várias crises de raiva contra a figura materna, que reprimiu.

Objeto de amor — Preferiu sempre o pai; com a mãe tinha conflitos. O desenvolvimento do objeto do amor vai dar-nos uma idéia sôbre a orientação da libido e sôbre as regressões, tudo de grande valor para o conhecimento do desenvolvimento da personalidade.

vi — *Sono:* dormiu sempre bem. Ùltimamente, com os conflitos da consciência, está com insônia.

vii — *Espaço vital ou campo social:* Vivemos todos num espaço vital que abrange tanto o espaço perceptivo como o espaço afetivo, espaços êsses que vão aumentando, à medida em que vamos aprendendo a controlar o meio.

O primeiro espaço vital está no lar e no círculo familiar. O fato de serem certas atividades permitidas e outras proibidas desempenha um importante papel dinâmico na estrutura do ambiente infantil. Nada é realmente neutro: ganha uma valência passiva ou negativa conforme atendem ou frustram as necessidades. Há, assim, *fôrças* no ambiente sob cujo influxo se constrói nosso sistema de comportamento. Na análise, portanto, da situação total na qual se acha cada ser humano, temos que tomar em consideração as fôrças sociais, não avaliadas objetivamente, mas como afetam o indivíduo, que valências representam para êle. São tais valências que lhe determinam a conduta: se positivas, levam à aproximação do objeto; se negativas, produzem retirada ou afastamento. Aplicando as idéias de Kurt Lewin ao ambiente familiar, podemos dizer que é no seio da família que ganhamos as primeiras e mais duradouras valências, porque é nela que sofremos pela primeira vez a ação de fôrças de satisfação e de frustração. Considerando bem, cremos que poderíamos dizer que as idéias de Lewin sôbre o campo de fôrças familiares correspondem bastante com as de Adler: êste afirma que, segundo a nossa posição na constelação da família, assim será nosso estilo de vida. Traduzindo isto em têrmos de Lewin, poderíamos dizer que indivíduos diferentes que somos e cuja posição é diferente no campo de fôrças, estamos submetidos a fôrças sociais que variam e, daí, a grande importância do ambiente familiar na determinação de valências de vida que talvez para sempre conservemos. Tudo isto marca o ambiente familiar e a constelação como o lugar sui-generis de formação da personalidade. No caso em estudo, as valências da parte da figura materna foram negativas, produzindo efeito de isolamento.

viii — *Contrôle e pressões*: Em regra, nas famílias, a palavra de decisão e de julgamento cabe àqueles que, por ascendentes, estabelecem a disciplina no grupo familiar. Quem pune, quem recompensa, geralmente são os que, autoridades constituídas, estabelecem o tipo e método de sanção. Formam-se, então, catexis positivas ou negativas prêsas a essas pessoas. Quem exercia o contrôle da família de N.B. era a mãe, que também punia, com castigos severos e desproporcionais às faltas.

ix — *Vivências*: a vivência da família era de cultura superior dominante e exigente por parte da figura materna.

x — *Valências*: prêso ao problema das vivências, que decorrem dos valores mais freqüentes, se apresenta o problema das valências.

Esta questão é de suma importância, pois que dela decorre todo o código moral da família. Não se pode ter uma noção exata do indivíduo e da estrutura fundamental de sua personalidade se ignoramos as fontes de "mores" que determinaram as sanções sob as quais viveu, das quais resultaram suas frustrações ou satisfações, como tais satisfações e frustrações cooperaram na construção dos mecanismos de defesa do eu. O Pr. assistiu a brigas e discussões dos pais, de que resultou para o Pr. a configuração de uma figura paterna humilhada e vencida.

xi — *Interêsses*: Instabilidade nos interêsses. Muito entusiasmo só de início.

xii — *Vida Escolar*: Começou com 3 anos com a entrada na Escola Maternal, durante 2 anos; depois, jardim de infância; primário 4 anos; ginasial e curso do Instituto Técnico (especialização). Nunca repetiu ano, porém foi sempre fraca nos estudos.

ii — *Entrevista com o pai*:

Atitude de sofrimento ao enfrentar o Orientador pela primeira vez. Não podia compreender como acontecera aquilo. "Julga a filha uma menina muito boazinha, sempre foi boa e carinhosa". Queixa-se da espôsa que é autoritária e sempre disse *não* à filha.

Confessa desentendimento conjugal. A filha é mais apegada ao pai. Pede-nos fazer todo o possível a fim de salvar a filha, e diz ter ido ao colégio pagar o que a menina tirara indevidamente.

iii — *Entrevista com o Pr.*:

Acompanhada da mãe para o primeiro contato, chegou meio desconfiada, triste, cabeça baixa, porém respondendo prontamente às perguntas.

Ficou muito contente quando lhe dissemos que cuidaríamos de seu caso com carinho e tudo faríamos para que terminasse o seu curso e se ajustasse ao ambiente, não só o escolar, como, também, o familiar. Pouco a pouco foi perdendo o ar tímido e ficou bastante tranqüila, embora se notasse uma certa tensão de sua parte.

N.B. confessa que em criança (6, 7 anos) tirou dinheiro de sua mãe. Sempre sentiu em casa que gostavam mais do irmão.

Sentimento de inveja dos que tinham mais dinheiro do que ela e teve vontade de tirar.

"Eu me arrependi muito e estava juntando dinheiro para pagar. N.B. há muito tempo tirava dinheiro das colegas e naquele mês tirara Cr$ 15.000,00.

1 — *História familiar*:

Família bem constituída. Além dos pais, um irmão 3 anos mais velho que o Pr.

2 — *Situação econômica*:

Vivem do trabalho do pai. Dificuldades para cobrir despesas de emergência e mesmo eventualmente, para atender a algumas necessidades básicas.

3 — Nível superior de instrução e cultura.

4 — *Procedência e motivação da consulta*:

O colégio que o Pr. freqüentava e onde cometera o delito (roubos).

Constelação familiar:

Pai — 56 anos, brasileiro, filho de americanos, instrução superior. Temperamento muito bom, calmo. Não sabe esconder a tristeza que sente, diz a espôsa.

Mãe — 46 anos. Autoritária, dominante. "Sou muito capaz e faço demais pela família".

Irmão — 21 anos. Bom gênio, ordeiro, sistemático. Interêsse pela aviação. É muito amigo da irmã.

O problema como é visto depois das entrevistas:

Parecia-nos que estávamos diante de um caso de delito conseqüente das más relações no ambiente familiar (rejeição da figura materna, frustrações, figura paterna fraca, dominada pela espôsa, vencida, humilhada).

II — *Provas de Personalidade*:

P.M.K. — Personalidade com bom nível ideomotor, mas evidenciando excitabilidade e falta de regularidade em seu rendimento práxico e afetivo.

Atualmente se acha desorientada nos planos prospectivos de conduta. Manifesta forte agressividade, sujeita por vêzes a oscilações. Apresenta tônus Psicomotor normal, mas atualmente cansada.

Koch — Características: Dificuldade nas relações com o meio. Forte insegurança. Sentimento de falta de apoio. Imaturidade emocional. Emotividade. Nervosismo. Procura disfarçar socialmente seus sentimentos, tentando uma atitude aceitável.

Síntese: O teste revela uma situação neurótica acentuada. Isto talvez se deva à carência na satisfação de necessidades afetivas

básicas. Nota-se dificuldade nas relações eu-ambiente. Grande insegurança.

Rorschach — Personalidade afetivamente imatura, em conflito. Desejo de compensação afetiva — mais introversiva, de traços esquizotímicos, com certa dificuldade de ajustamento e fraco interêsse social.

T.A.T. — Personalidade em evidente estado de desajustamento afetivo, de origem familiar, projetando seu ressentimento com atitudes anti-sociais. Na análise de suas fantasias verificam-se:

— Forte sentimento de rejeição da figura materna, que sempre preferiu o irmão.
— Atitudes anti-sociais: o tema constante foi o roubo e mêdo de ser castigada. Sentimento de culpa.
— Sentimento de perda, de frustrações de suas necessidades básicas.
— Sentimento de rejeição de uma professôra do colégio em que estudava e que se parecia com a mãe.
— Interêsses heterossexuais.

III — *Provas de inteligência*:

i — *DAT* — Rendimento quantitativo:
Superior — mecânica
Médio superior — abstrata e ortografia.
Médio — verbal, numérica, espacial, rapidez e sentenças.

Rendimento qualitativo:

Superior — mecânica e exatidão.
Médio superior — abstrata e ortografia.
Médio — verbal, numérica, espacial e sentenças.

ii — *Barcelona* — Rendimento quantitativo: médio
Rendimento qualitativo: inferior

IV — *Informação Autobiográfica:*

A análise do relato da vida mostra que "N.B." se ocupa:

a — da casa do avô, onde perdeu um corda que era sua, porque a prima ficara com ela. Sentiu-se muito triste;
b — mudança de residência. Férias em Teresópolis. Andou de bicicleta com o pai pela primeira vez;
c — passeios com o pai, o irmão e o cachorrinho;
d — estudo de ballet e piano;
e — morte do avô e por causa da herança a família se separou;

f — brinquedos na casinha de boneca, construída pelo pai. Cozinhava;

g — discussões dos pais à noite. "Ficava com muito mêdo, acordada, escutando as discussões";

h — tirou dinheiro da mãe para comprar balas. A mãe raramente lhe dava alguma coisa;

i — viagem da mãe e do irmão à Europa. Ficou só com o pai e a babá. Foi a época mais feliz de sua vida. Ganhou uma bicicleta. O pai também vai 3 meses depois à Europa e N.B. fica só com a babá. Decepção e sofrimento. Sentimento de rejeição.

j — perde a casinha de bonecas; o pai utiliza-a para guardar suas ferramentas. Frustração;

k — falta de igreja em criança;

l — comparações que a mãe fazia com outras crianças e com o irmão. Ficava triste e não falava nada. Pensava em muitas coisas que não dizia;

m — sempre teve dificuldades com a mãe. Só a castigava, ao irmão nunca. Detestava as comparações;

n — adorava o pai e tinha mêdo da separação para não ficar sòzinha com a mãe;

o — a mãe lhe dizia: "você estraga tôda a família". "Isto foi ouvido tantas vêzes que cheguei a acreditar". Diz ao terminar: "precisamos ser sinceros em tudo, com todos, sempre. Acho que deslizei, mas pretendo e sei que estou subindo e que Deus me ajudará a chegar lá. Tenho fé nêle e fôrça de vontade".

ii — *Questionário íntimo*:

No questionário íntimo tôdas as impressões estão ligadas ao delito: sentimento de culpa forte e desejo de regeneração.

No conteúdo dos relatos anotamos ainda:

Recordações dramáticas, tristes. Sofrimento por ser rejeitada. Mêdo de comparações por parte da figura materna.

Sumário e Conclusões:

1. Os problemas apresentados surgiram do conflito entre o Pr. e o seu ambiente. As formas de conduta são o resultado da estrutura do *eu*, que, por sua vez, está determinada principalmente pelas influências ambientais.

Os primeiros laços afetivos, as frustrações, as atitudes dos pais, mas especialmente da figura materna, contribuiram para que a menina

se tornasse tensa, ansiosa, dependente e concentrada. Dêsse modo, foi preparado o terreno para a formação de transtornos de caráter.

E, para compreender os transtornos da conduta de N.B. tornou-se imprescindível conhecer como se deu o seu desenvolvimento emocional em relação com as pressões exercidas pelo ambiente.

Não excluímos totalmente a herança como fator integrante da estrutura da personalidade, porém o fator mais importante é o conjunto das primeiras experiências infantis. Da forma em que se ensina a criança a controlar suas primeiras tendências e impulsos dependerá sua capacidade para enfrentar as exigências ambientais e também as próprias tendências ou fará surgir uma atitude débil, tímida e ansiosa. Se se trata severamente ou se não se submete a criança a nenhuma disciplina, ou se se tem *atitudes divergentes, ou de rejeição* (ida à Europa com o irmão, preferências por êste), a criança será incapaz de fazer frente ao meio que a rodeia e desenvolverá defesas que se manifestarão no que denominamos problemas de conduta.

Êstes sintomas, sejam graves ou não, são utilizados como proteção e podem manifestar-se como uma inadaptação social ou sexual, violentos acessos de raiva, ou em uma conduta agressiva desafiante e obstinada.

A repressão dos impulsos, a formação dos mecanismos de defesa que a protegem contra a irrupção dos impulsos, debilitam as fôrças do *eu.*

Quando falamos no desenvolvimento do *eu,* pensamos nas relações que a criança teve com a mãe nessa primeira etapa.

A adaptação progressiva às influências educativas depende desta primeira relação e se obtém com a formação de um *eu* que tenha sido suficientemente fortalecido antes da formação do superego (consciência).

Se a relação do objeto não é demasiado frustradora e contínua, sendo moderadamente agradável, a criança se sentirá compensada de ter que ceder a uma atitude egoísta e censurável. Se ocorre o inverso, o desenvolvimento das etapas infantis se caracterizará por uma forte dependência, ansiedade, debilidade e agressividade, rebelião e teremos problemas de conduta. No caso em estudo, N.B. foi demasiado frustrada. Os conflitos surgem nos diferentes períodos do desenvolvimento e de sua intensidade transtornos da conduta.

O carinho, o amparo e a compensação que a criança experimenta durante sua educação, determinará a capacidade do seu *eu* e a habilidade para valorar a realidade. No caso em aprêço, houve, da parte da figura materna, carência de afeto. Aos 5, 6 anos, o problema da educação consiste em apoiar e fortalecer o *eu* da criança, ao mesmo tempo que se lhe ensina a autodisciplina. Nesta idade terá realizado totalmente a organização básica do superego. O superego põe-se em ação e é preciso que não se manifeste extremamente severo. A criança se revela ansiosa por identificar-se com seus pais e substitutos, a babá e a professôra, e pôsto que o desenvolvimento do superego se faz mediante a imitação e a identificação, é necessário que, nesta fase do desenvolvimento os pais sejam realistas em suas atitudes com respeito

aos problemas das crianças. Desta maneira, capacitarão a criança a identificar-se com elas, como pais compreensivos e não como figuras temidas que intimidam e castigam. O superego, porém, não é exatamente uma cópia dos pais. Formam parte também do mesmo as tendências instintivas da criança. Estas possuem suas próprias ambições de independência e seus sentimentos agressivos reprimidos, despertados pela dominação materna, criam um sentimento de culpa que logo se interioriza. Devemos recordar que um superego sadio tem uma função coordenadora na formação do caráter infantil. O problema reside em obter um superego realista.

Deve existir um equilíbrio entre as gratificações que o ambiente dá e as frustrações que impõe. O êxito dos problemas relacionados com o número de proibições e frustrações que podem impor-se, de acôrdo com a idade, e os meios que utiliza, têm como resultado a criação de uma boa base para a adaptação social.

As etapas do desenvolvimento são transitórias e em tôdas existem temporàriamente reações emocionais anormais e deficiências quando existem motivos que perturbam o ambiente familiar.

Durante a puberdade os conflitos com o meio tornam-se mais agudos e, mais tarde, o superego pode apresentar sinais de instabilidade.

As perturbações podem ter diretamente sua origem na conduta dos pais, que é o resultado de seus próprios problemas afetivos, conscientes e inconscientes. A possibilidade de modificar essa conduta depende do grau de afeto que une a orientanda aos objetos de seu ambiente e da possibilidade de mudar essa conduta indesejável se o meio oferece uma gratificação substituta. Nesse caso a mãe dominadora, sem carinho, sem compreensão, a frustração foi total.

Conhecemos, então, os fatôres que originaram os problemas de conduta, examinando tôdas as experiências vividas por N.B. desde a infância e principalmente aquelas experiências que ocasionaram efeitos mais profundos. Quando não se produziu um desenvolvimento normal, devido a um ambiente desfavorável e a uma débil estrutura da personalidade, o objetivo será liberar o Pr. de suas fortes fixações às fases do seu desenvolvimento, que se manifestaram em seus sintomas.

Se os pais se manifestam inseguros, agravam-se os sentimentos de insegurança do Pr. A educação preventiva dos pais supõe fazê-los conscientes de cada um dos seus problemas. A instabilidade dos pais é um fator preponderante nos problemas de conduta. É a causa das contínuas mudanças na atitude dos filhos. Uma conduta muito variável dos pais com respeito ao filho se refletirá no caráter dêste.

Nestas condições, resultará muito difícil obter a identificação que é o mecanismo mais importante na formação do caráter. O que faltou em casa por parte da figura materna N. B. procurou substituição na escola, até o momento em que encontrou uma professôra, que não fazia comparações claras, como a mãe, porém, indiretamente e ela viu nessa professôra a substituta da mãe.

Houve, então, a expressão da rebelião contra a lei, a mãe e a sociedade. O roubo foi equiparado com as privações sofridas durante a

infância e que foram vividas como injustas, sobretudo a privação do afeto materno.

Parece-nos que o fator mais importante que interferiu no desenvolvimento de suas tendências anti-sociais foi o sentimento de que havia sido enganada, não só na vida presente, mas, desde a infância.

E a atitude anti-social foi o fracasso do desejo de ser querida.

Vamos considerar a atitude dos pais neste caso:

1 — Se o caráter se forma pela atitude e exemplos dos pais, se o superego não é mais que a amálgama dessa autoridade dos pais que atua sôbre a personalidade, que classe de superego proporcionaram os pais de N.B.? Em que forma puderam contribuir para a formação do superego?

A figura materna, vista como dominadora, frustradora de afetos, preferindo o irmão e fazendo constantes comparações entre os mesmos, menosprezando a menor, teve influência negativa.

O amor que é o fator mais importante do superego faltou quase por completo desde a infância por parte da figura materna.

A paterna dava-lhe amor, porém era também dominado pela espôsa, fraco, vivia em discussões com esta, e não trazia uma personalidade muito forte capaz de reações. Deixava-se levar.

A pessoa em questão, isto é, N.B., transportou para o ambiente social as reações afetivas provocadas por êsse ambiente íntimo e sua conduta social foi determinada por essas primeiras experiências.

Fêz-se instável, afetivamente imatura, desajustada, deixando o *eu* em perpétuo campo de batalha para as tendências subconscientes, mantendo uma luta entre o *eu* e o superego.

Sua conduta anti-social tem raízes profundas na educação defeituosa que recebeu e que gira em tôrno do seguinte: apoderar-se do amor.

Vimos que a necessidade de atuar e a realização do ato foram simplesmente o resultado das circunstâncias que interferiram em seu desenvolvimento e que diferiam daquelas de um ambiente normal. Sua história revela com clareza que era inconsciente a parte do desenvolvimento do *eu* que foi o fator decisivo em sua compulsão de tirar.

O superego, cuja tarefa é equilibrar a parte impulsiva do *eu*, fracassou ao instalar-se na personalidade da jovem, em outras palavras, não se plasmou ao ponto de converter-se em uma instância moral que pudesse trabalhar em combinação com o *eu*. Ao contrário, se mantiveram em luta.

ORIENTAÇÃO

1 — Psicoterapia, que foi aceita. Foi preparada para isto e era de grande importância para a relação que se ia estabelecer.

2 — Orientação à família. Como a etiologia do distúrbio era familiar, a terapêutica devia também destinar-se aos pais. A psicoterapia,

especialmente da figura materna, era fundamental, uma vez que, a etiologia era a rejeição materna. Foi pedida para a figura materna uma psicoterapia profunda para que ela pudesse enfrentar todos os aspectos inconscientes da rejeição.

3 — Foi feita também a combinação entre psicoterapia e alterações no ambiente, seja mudando a conduta dos pais, através do tratamento dêstes, ou remetendo o Pr. para um novo ambiente.

4 — Resultados. A conduta foi mudada e o tratamento foi iniciado. Sentindo-se aceita em casa e apoiada pelo terapeuta, encontrou segurança para externar seus pensamentos e impulsos proibidos, os quais eram origem de ansiedade; compreendidos pelo Pr., puderam ser controlados.
As dificuldades situacionais foram expressas e discutidas, estando sempre relacionadas com o ambiente. Externando sua agressividade, não raro tornou-se ansiosa.

A mudança da atitude da mãe, que compreendeu sua posição dentro do problema e procurou neutralizar as fôrças repressoras do ambiente, concorreu para o restabelecimento do equilíbrio emocional e para a volta à conduta normal do Pr.